

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale
(Organizadores)



Atena
Editora

Ano 2020

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale
(Organizadores)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Carlos Alberto Souza do Nascimento Júnior
Organizadores: Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilyly Souza do Vale

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S478 Sentidos em Gestalt-terapia [recurso eletrônico] : novas vozes, outros olhares / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilyly Souza do Vale. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-355-2

DOI 10.22533/at.ed.552201609

1. Gestalt-terapia. I. Nascimento, Lázaro Castro Silva.
II. Vale, Kamilyly Souza do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

PREFÁCIO

Escrever o prefácio de uma obra não é uma tarefa fácil. A tarefa se torna ainda mais difícil quando se trata de um livro escrito por vários autores e autoras, composto de doze capítulos, que perpassam por temas pungentes e de extrema relevância na atualidade. Dado isso, me sinto realizando uma delicada tarefa e receosa de que não a cumpra de forma honrosa. Que me desculpem os autores e as autoras se meu prefácio não estiver à altura do valor que encontrei em cada um dos capítulos.

Como já nos indica o título “Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares”, o livro organizado por Lázaro Castro Silva Nascimento e Kamilly Souza do Vale tem a proposta de visibilizar autoras e autores que trazem contribuições inovadoras ao campo conceitual e técnico dessa abordagem, se debruçando sobre temas pouco tratados nos livros publicados em Gestalt-terapia no Brasil. A riqueza e a profundidade com que temas tão diversos são tratados me fascinou e me fez ficar absorta nas páginas do livro; creio que será exatamente a mesma experiência que os leitores viverão diante da obra em questão.

O primeiro capítulo escrito por Lázaro Castro traz reflexões provocativas sobre o que podemos ou não considerar Gestalt-terapia. No diálogo que Lázaro traça com seu leitor, o mesmo aponta a não homogeneidade conceitual que embasa a prática dos profissionais desta perspectiva psicoterápica. Então, Lázaro busca ao longo do capítulo elucidar o que considera os fundamentos conceituais e teóricos da Gestalt-terapia e trazê-los a nós em um texto claro, construído sobre sólidas referências teóricas.

O segundo capítulo é uma contribuição valiosa de Kamilly Vale ao campo da psicoterapia de casais em Gestalt-terapia. Kamilly desenvolve o texto a partir de sua própria experiência de trabalho com casais, tanto teórica quanto prática, nos trazendo um alerta quanto ao grau de violência que é encontrando usualmente no relacionamento íntimo e que se reflete em modelos comunicacionais pouco cuidadosos entre as partes do casal. Kamilly constata que a comunicação está muito além do que é meramente dito e o discurso entre casais permanentemente atravessado pelas influências culturais.

No terceiro capítulo encontramos um belíssimo texto tecido a seis mãos e que se debruça sobre o tema da felicidade dentro do ponto de vista da Gestalt-terapia. Os autores Patrícia Yano, Francisco Soares Neto e Mariana Andrade partem da constatação de que a busca pela felicidade, e pela compreensão do significado da mesma, é secular. No entanto, o tema não tem sido objeto de ampla reflexão nas obras de Gestalt-terapia, tarefa à qual se propõe os autores.

A autora Mariana Pajaro desenvolveu o quarto capítulo a partir das inquietações vividas na prática clínica com crianças. Mariana relata sua busca por maior aprofundamento teórico-técnico, permeada por um sensível testemunho de experiências vividas em sua

clínica nas quais descobriu a importância de entrar em contato com a criança que um dia ela foi.

O quinto capítulo versa sobre o tema do trauma e a autora nos conta sobre seu percurso profissional, no qual buscou técnicas específicas que têm como base os conhecimentos das neurociências. Simone Dreher defende o ponto de vista de que o trabalho com traumas em Gestalt-terapia pode ser enormemente enriquecido pela aproximação com os estudos contemporâneos das neurociências, apresentando alguns conhecimentos que adquiriu nesse intercâmbio que se propôs a fazer.

No sexto capítulo nos deparamos com mais um tema tocante: o processo de elaboração do luto decorrente do fim de uma união afetiva. Keila Santos, partindo da constatação de que o número de separações e divórcios é crescente na sociedade contemporânea, traz contribuições importantes sobre o tema, obtidas por meio de uma cuidadosa pesquisa bibliográfica, sob o prisma da Gestalt-terapia.

Ao chegarmos ao sétimo capítulo, escrito por Hayanne Alves e Wanderlea Ferreira, novamente somos colocados frente a frente com um tema impactante no que diz respeito às possibilidades e dificuldades da prática do gestalt-terapeuta no sistema prisional brasileiro. A ação profissional em um contexto tão adverso é apontada, pelas autoras, como de extrema relevância e a visão de ser humano da Gestalt-terapia pode servir como suporte para uma prática em que os aspectos criativos são valorizados.

Livia Arrelias, no oitavo capítulo, denuncia a quase inexistência de discussões sobre as existências pretas e indígenas em Psicologia, de maneira ampla, e em particular na Gestalt-terapia. A autora reflete sobre o quanto o modo elitista do desenvolvimento da Psicologia no Brasil se refletiu em práticas psicológicas discriminatórias e socialmente excludentes.

No capítulo nove encontramos o relato de uma pesquisa desenvolvida a partir de perfis de usuários do aplicativo Grindr, um aplicativo de encontros para homens. Paulo Barros identificou um perfil de homem ideal preconceituoso na população estudada, verificando concepções homofóbicas e misóginas, mesmo entre homens que se relacionam com homens. A partir daí, reflete sobre os conceitos de introjeção e fronteira de contato na Gestalt-terapia.

O décimo capítulo foi redigido por Gabriely Garcia, Tainá Tomaselli e Ana Carolina Galo. As autoras escrevem sobre a importância da música em nossas vidas e, em especial, na utilização desta como recurso terapêutico por musicoterapeutas ao longo da história. Partindo da integração teórica entre a profissão da Musicoterapia e a Gestalt-terapia, constroem uma proposta de Gestalt-Musicoterapia ou Musicoterapia Gestáltica.

O processo de luto durante a pandemia de Covid-19 de Heloá Maués e Michele Moura é o tema do penúltimo capítulo do livro. As autoras consideram a delicadeza da situação em que vivemos na qual o direito de vivenciarmos o luto e os rituais de despedida dos entes que amamos nos tem sido tirado não só pelas dificuldades próprias à pandemia,

mas também por uma ausência de políticas governamentais apropriadas ao enfrentamento desta.

Chegamos então ao capítulo de encerramento no qual, mais uma vez, somos confrontados com um tema de grande relevância que é pensar sobre a experiência da vergonha calcada nos conceitos da Gestalt-terapia. Larissa Carvalho buscou compreender o processo vivenciado por uma pessoa envergonhada e as implicações da moralidade social.

Daqui em diante, fica por conta do leitor o cuidado na leitura e a abertura para a reflexão que o livro poderá proporcionar. Espero que todos possam usufruir de tão rico material organizado no livro, tanto quanto eu o fiz.

Patricia Valle de Albuquerque Lima

*Gestalt-terapeuta e Psicóloga. Doutora em Psicologia pela
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do curso de Psicologia da
Universidade Federal Fluminense (UFF).*

APRESENTAÇÃO

Os escritos presentes na obra *Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares* são antes de tudo um manifesto afetivo. Convidamos Gestalt-terapeutas espalhadas/dos pelo Brasil para compor um material que fosse ao mesmo tempo rico em produção de sentidos, mas também que transbordasse afetividade e construção teórico-prática na Gestalt-terapia.

Os trabalhos apresentados aqui versam sobre temáticas contemporâneas e diversas provocando leitoras e leitores ao *sentir* enquanto se debruçarem sobre cada um dos capítulos. Nosso objetivo maior foi ouvir novas vozes, possibilitar um espaço e dar visibilidade para autoras e autores que realizam pesquisas e trabalhos importantes na área, compartilhando-os e os tornando acessíveis à comunidade de um modo geral.

Esperamos que esse passo inicial seja de fato a concretização de um desejo comum: integrar espaços dentro da Gestalt-terapia, dirimir nichos que detêm lugares previamente demarcados e disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer gestalt-terapêutico.

Uma excelente leitura para todas e todos!

Lázaro Castro Silva Nascimento

Kamilly Souza do Vale

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
GESTALT-TERAPIAS E GESTALT-TERAPEUTAS: REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E PLURALIDADE DE PRÁXIS Lázaro Castro Silva Nascimento DOI 10.22533/at.ed.5522016091	
CAPÍTULO 2	15
A COMUNICAÇÃO DIALÓGICA NO MANEJO COM CASAIS EM GESTALT-TERAPIA Kamilly Souza do Vale DOI 10.22533/at.ed.5522016092	
CAPÍTULO 3	31
OS ESTUDOS SOBRE A FELICIDADE E A GESTALT-TERAPIA Luciane Patrícia Yano Francisco Alves Soares Neto Mariana da Silva de Andrade DOI 10.22533/at.ed.5522016093	
CAPÍTULO 4	47
ESTAR-COM CRIANÇAS: EM BUSCA DA LINGUAGEM PERDIDA Mariana Pajaro DOI 10.22533/at.ed.5522016094	
CAPÍTULO 5	57
TRAUMA, NEUROCIÊNCIAS E GESTALT-TERAPIA: INTEGRANDO PRÁTICAS E ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS Simone Aparecida de Souza Dreher DOI 10.22533/at.ed.5522016095	
CAPÍTULO 6	67
DESATANDO OS “NÓS” E RECONFIGURANDO O “EU”: O LUTO DECORRENTE DO FIM DA CONJUGALIDADE NA GESTALT-TERAPIA Keila Andréa Araújo Costa dos Santos DOI 10.22533/at.ed.5522016096	
CAPÍTULO 7	78
INTERLOCUÇÕES DA ABORDAGEM GESTÁLTICA NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO Hayanne Galvão Pereira Alves Wanderlea Nazaré Bandeira Ferreira DOI 10.22533/at.ed.5522016097	
CAPÍTULO 8	93
REFLEXÕES DA CLÍNICA GESTÁLTICA SOBRE RELAÇÕES RACIAIS Lívia Arrelias DOI 10.22533/at.ed.5522016098	

CAPÍTULO 9	110
“QUERO MACHO COM JEITO DE MACHO”: FRONTEIRAS DE CONTATO ENTRE USUÁRIOS DO GRINDR	
Paulo Henrique Pinheiro de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.5522016099	
CAPÍTULO 10	126
GESTALT-MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA E ALINHAVOS TEÓRICO-PRÁTICOS	
Gabriely Leme Garcia	
Tainá Jackeline Tomaselli	
Ana Carolina Tiemi Galo	
DOI 10.22533/at.ed.55220160910	
CAPÍTULO 11	137
O PROCESSO DE LUTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: LEITURAS GESTÁLTICAS	
Heloá Pontes Maués	
Michele dos Santos Moura	
DOI 10.22533/at.ed.55220160911	
CAPÍTULO 12	152
A PERCEPÇÃO DA VERGONHA SOB O VIÉS DA CLÍNICA GESTÁLTICA	
Larissa da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.55220160912	
SOBRE OS ORGANIZADORES	166

CAPÍTULO 5

TRAUMA, NEUROCIÊNCIAS E GESTALT-TERAPIA: INTEGRANDO PRÁTICAS E ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS

Simone Aparecida de Souza Dreher¹

Meu pai um dia me falou
Pra que eu nunca mentisse
Mas ele também esqueceu
De me dizer a verdade
Da realidade do mundo
Que eu ia saber
Dos traumas que a gente só sente
Depois de crescer

Los Hermanos, Traumas
(Composição de Erasmo Carlos)

Tenho pensado há algum tempo como será que Fritz Perls integraria as abordagens e protocolos de aplicação a traumas e transtornos que foram elaborados a partir dos estudos da neurociência, posteriores à sua vida.

Sentindo a necessidade de trabalhar na clínica com o tema do trauma e curiosa sobre as abordagens que se utilizavam da neurociência, decidi buscar a Dessensibilização e reprocessamento por movimentos oculares (*Eye Movement Desensitization and Reprocessing* – EMDR) (SHAPIRO, 2020) e o Brainspotting (GRAND, 2016). O EMDR foi desenvolvido nos EUA no final dos anos 1980 pela Dra. Francine Shapiro, buscando permitir a estimulação dos hemisférios cerebrais onde as lembranças dolorosas são armazenadas; e o Brainspotting, pelo Dr. David Grand (2016), buscando funcionar como uma ferramenta neurobiológica, chegando a experiências e sintomas que normalmente estão fora do alcance da mente consciente.

Tanto o EMDR quanto o Brainspotting são abordagens que utilizam protocolos e intervenções. Apesar de ancorar minha prática clínica de forma parcial em ambos, minha sustentação teórica e prática – ou seja, a forma como enxergo as pessoas e leio o mundo – é a partir da Gestalt-terapia, logo, com ênfase em uma leitura fenomenológica e existencial.

Compreendo a esta altura, porém, que qualquer intervenção psicoterapêutica estará incompleta se não houver entendimento mínimo dos fundamentos da neurociência. A

1. Gestalt-terapeuta. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Psicóloga clínica (CRP-08/07024). Formação e certificação em EMDR e Brainspotting. Professora do curso online “Gestalt-terapia na prática” (PsicoClub).

neurociência não está somente nos achados clínicos e dentro de grandes centros mundiais de pesquisa, ela está viva e atuante nas práticas terapêuticas, dentro de nossos consultórios ou em quaisquer contextos em que a prática da psicoterapia aconteça.

Caso pudesse aconselhar novos e antigos psicoterapeutas sobre isso, eu diria: se você ainda tem alguma ressalva em estudar ou buscar conhecer os fundamentos da neurociência, repense isso. A neurociência possibilita um olhar para o que acontece dentro do cérebro dos clientes enquanto eles relatam alguma queixa, ou até mesmo na anamnese, além de permitir entender as estruturas mentais e toda circuitaria que se formou com as memórias afetivas e eventos-chave na vida da pessoa. Buscar conhecer de onde e de que forma esses registros foram armazenados e quais as crenças que trouxeram para a vida desse cliente tem grande potencial para auxiliar na condução da psicoterapia.

Estudar a neurociência me levou também a entender sobre o trauma e como basicamente todas as pessoas que atendi até hoje, de alguma forma, sofreram algum. Ao pensar de forma fisiológica sobre os traumas psicológicos, Griffin, Charron e Al-Daccak (2014 *apud* SHAPIRO, 2020, p. 27) escrevem que “ele está associado a inúmeras alterações no sistema nervoso causado pela liberação de cortisol, picos de adrenalina, flutuações nos neurotransmissores e assim por diante, cujo resultado é uma perda de homeostase”. Segundo Shapiro (2020), devido a esse desequilíbrio, o sistema de processamento de informação não funciona de maneira ideal e, com isso, as informações adquiridas no momento do evento (traumático), incluindo sons, emoções e sensações físicas, são armazenadas em seu *estado perturbador*. Isso explicita a relevância do tema para a psicoterapia.

Ainda de acordo com Shapiro (2020), podemos classificar os traumas em “Traumas com T maiúsculo” e “traumas com t minúsculo”. Os traumas com t minúsculo seriam os eventos adversos de vida, sendo assim classificados para indicar o nível de impacto causado por eles. Esses traumas com t minúsculo ocorrem, muitas vezes, na infância e, mesmo não tendo um grande impacto, podem ter consequências negativas duradouras, pois também codificam sensações e afetos negativos, os quais podem emergir espontaneamente quando desencadeados por situações do presente. Assim, ainda que sejam designados com t minúsculo, esses eventos não foram pequenos para a criança. Podemos citar como exemplos as humilhações às quais a maioria de nós, se não todos, foi exposta em determinados momentos da infância, seja por cuidadores e familiares ou por outras crianças.

Por outro lado, os Traumas com “T maiúsculo” seriam traumas chamados complexos, que marcam uma vida. Seriam eles: guerras, crimes, suicídios, violência, abusos (sexual, físico e/ou emocional)... No entanto, incidentes comuns também podem se configurar traumas complexos, pois cada pessoa é única e não podemos generalizar o que é impactante para um indivíduo. Mas, é importante entender que essa classificação pode nos ajudar, principalmente, em situações em que o cliente diz: “nem sei porque

estou aqui, minha vida foi perfeita”; ou em que vê os eventos de traumas complexos com naturalidade. É importante ter claro que os traumas são aqueles acontecimentos que desafiam e subjagam nossa capacidade de lutar e reagir, causando um congelamento. Para mim, a psicoterapia é uma ferramenta poderosa para descongelar ou ressensibilizar essas pessoas que chegam até nós.

Venho utilizando muitos aprendizados da neurociência nos atendimentos. Particularmente, penso que esta seja uma forma de aproximar o cliente da fisiologia emocional do seu próprio cérebro, e a minha própria forma de entender o que aconteceu/ está acontecendo na formação dos pensamentos e ideias que o cliente tem acerca de si.

Quando trabalho os traumas com T maiúsculo e t minúsculo que esses clientes vivenciaram, é de grande valia informa-los sobre como o cérebro processou essas vivências. A isso chamamos de *psicoeducação*, que nada mais é do que acolher a dor do outro explicando que, na idade em que sofreu tal trauma, ele não tinha outros recursos para processar aquilo que estava vivendo, e que, quando nossos cuidadores não nos defendem (por também não entenderem sobre linguagem emocional), criamos muitas crenças negativas sobre nós mesmas/os, como “sou ruim”, “não mereço cuidado”, “não mereço amor” e assim por diante. Ou ainda que, quando o cérebro, ao sofrer o trauma, congela nossas emoções, e aprendemos a “não lidar” com algumas situações de vida toda vez que sentimos uma emoção parecida com aquela que causou o trauma. Isso porque a memória é associativa e vamos, instintivamente, dissociando ou congelando as emoções como forma de proteção.

Com isso, trazemos o cliente adulto para “o aqui e agora”, pois ele pode enfrentar a situação. Lá atrás, quando era só uma criança, ele não tinha recursos para isso. Todos esses conceitos têm aberto um caminho maior para a adesão ao processo terapêutico, pois, quando o cliente começa a ouvir sobre a formação de seus traumas lá na infância, *dando nomes* (abuso, falta de acolhimento, não validação, não foi visto etc.) para esses episódios e não apenas relembrando-os como fatos do passado, ele fica muito mais consciente de como essa dor está ali em sua vida e há quanto tempo, e de que ela é legítima.

Esses conceitos nos fazem pensar, como Gestalt-terapeutas, em *awareness*. Ginger (2010), importante teórico da Gestalt-terapia francesa, discute como diversos conceitos da neurociência na atualidade são capazes de validar a Gestalt-terapia e outros construtos terapêuticos que surgiram de forma intuitiva. Assim, não é à toa que muito do que tenho aprendido da neurociência me traz à consciência conceitos de Gestalt-terapia e da prática clínica de Fritz Perls.

PSICOEDUCAÇÃO: FALANDO DE NEUROCIÊNCIA COM CLIENTES EM PSICOTERAPIA

Gostaria de apresentar de uma forma simples parte do que faço no dia a dia em

minha prática como Gestalt-terapeuta ancorada na neurociência. Como faço esse trabalho de psicoeducação no consultório? Como instrumentalizo emocionalmente os clientes com informações da neurociência?

Primeiro, contextualizo de forma breve para o cliente exatamente a forma como fui aprendendo e associando a neurociência, na vivência, à construção dos traumas em nossas vidas. Começando pela evolução humana e a origem de nosso cérebro atual como adaptação para fazer frente às necessidades de acomodação e funcionamento das exigências naturais e psicossociais dos seres humanos, ou seja, um cérebro mais funcional e complexo do que de nossos predecessores. De acordo com MacLean (1990)², o cérebro humano funciona de maneira trina, sendo composto pelo cérebro reptiliano, cérebro límbico e neocórtex. Este cérebro trino integra tanto nossos impulsos físicos quanto os emocionais e os impulsos lógicos.

O cérebro reptiliano, conhecido também como guardião da sobrevivência, é responsável pela autopreservação e nos coloca em estado de alerta para receber e processar as informações do mundo. Nossos órgãos do sentido estão diretamente ligados a ele, processando as experiências primárias não verbais de aceitação ou rejeição.

Já o cérebro límbico (ou cérebro dos mamíferos) está ali para dar respostas às situações em que sentimos medo (com resposta de fuga) ou necessitamos reagir (apresentando resposta de luta). Está associado à capacidade de sentir e de desejar e aos processos, principalmente, às nossas motivações ou impulsos básicos. Aqui, é importante enfatizar: *é no cérebro límbico que todas as nossas emoções são sentidas.*

Nosso último cérebro no modelo proposto por MacLean (1990), o neocórtex, é imbuído da lógica e dos aprendizados, de crenças e valores que fomos introjetando e aprendendo, dia após dia, na nossa vida. E é com esse cérebro trino que nascemos para enfrentar e lidar com as situações cotidianas no mundo ao longo de nossa existência.

Todavia, com cada crença, valores e vivências, passados de geração a geração pelas culturas e por nossas famílias, aprendemos a repetir padrões que nem sempre foram saudáveis, por vezes, com distorções dos papéis e vínculos familiares. Em especial, os escritos de Bert Hellinger caminham na direção de nos ajudar a entender sobre pertencimento, hierarquia familiar, trauma transgeracional, entre outros conceitos.

No momento em que me debruço sobre esse texto, como Gestalt-terapeuta e como pessoa, repenso sobre as minhas próprias crenças e valores introjetados que me engessaram durante tanto tempo. A minha criação (me atrevo a dizer que, talvez, a de toda a minha geração) me colocou o tempo todo para “pensar”, “pensar” e “pensar” excessivamente. Parte dos meus introjetos mantinha sempre a pergunta: “o que os outros vão dizer?”, “criança educada não faz isso”, “não diz aquilo”, “não age desse jeito”, “não chora”, “não grita”, “não põe a mão ali”, além de tantos outros discursos e valores

2. Historicamente, vale mencionar que, apesar desta teoria ter sido elaborada em 1970 pelo neurocientista Paul MacLean, ela só foi publicada e apresenta em 1990.

introjetados deste mesmo teor.

Nesse processo de autopercepção e percepção do outro, pude perceber em mim e em muitas pessoas do meu convívio, bem como em meus clientes, um excesso de dissociação emocional – ou seja, não falamos quando temos vontade de falar, não choramos quando temos vontade de chorar. Muitos de nós adoeceram o corpo implodindo e tentando suprimir as próprias emoções, o que costumo chamar de analfabetismo emocional.

Hoje, sabemos pelos estudos da neurociência que as emoções governam nossas ações, quer tenhamos aprendido a lidar com elas ou não. Medo, tristeza, alegria, raiva e nojo possuem características próprias e agem como respostas fisiológicas e emocionais específicas. Para cada emoção, existe um impulso que nos move a uma ação. E qual o impacto disto na vida cotidiana? Quanto mais “entendedores” de nossa realidade e dos nossos próprios sentimentos, maiores são as possibilidades de nos expressarmos de forma assertiva em resposta às demandas da vida.

Nascemos com os melhores equipamentos fisiológicos, e esses foram colocados à prova nos ambientes onde vivemos, principalmente, do nascimento até os 7 anos (ou, para alguns cientistas, 3 anos). Entretanto precisamos de bons operadores (cuidadores) para manejar esses equipamentos, pois, até por volta da idade de 3 anos, é necessário que esse cuidador regule as funções ligadas ao afeto, sendo um facilitador (ou não) para as engrenagens emocionais funcionarem de forma satisfatória (BERGMANN, 2014). Ou seja, essa autorregulação emocional da qual a criança necessita ainda pequena é uma das tarefas de nossos cuidadores. E, cá entre nós, você conhece muitos cuidadores com essa capacidade?

Ou seja, as nossas respostas e manifestações a estímulos emocionais e físicos do ambiente foram ditadas pela forma como nossos cuidadores/treinadores operaram ou programaram esse “equipamento”. Com isso, é quase inevitável que diversos traumas sejam experienciados ao longo de nosso desenvolvimento infantil.

Nessa direção, é importante mencionar a Experiência Somática (SE), uma prática terapêutica desenvolvida por Peter A. Levine (1977, 1999), que estudou a concepção do trauma. Para o autor, trauma “faz parte da condição humana”, portanto, é algo inerente, universal e do qual somos incapazes de escapar. Levine chegou a essa constatação após estudar animais em seus habitats, fazendo-se o seguinte questionamento: se temos o mesmo cérebro dos mamíferos, por que estes não desenvolvem traumas?

A resposta encontrada por Levine foi que, ao contrário dos animais, somos, em muitos casos, “inibidos” de completar o ciclo fisiológico natural do corpo após um evento traumático, que seria fugir, atacar ou lutar (defender), processos naturais em execução em nosso cérebro (reptiliano e límbico). Dessa forma, ficamos interrompidos em nossos ciclos e desenvolvemos traumas em períodos do nosso desenvolvimento.

Apesar da complexidade e da quantidade de informações sobre traumas e neurociência, acredito que o trabalho de psicoeducação instrumentaliza os clientes sobre

aquilo que vivem, percebem e experienciam cotidianamente, sendo fundamental dentro de seus processos psicoterapêuticos. Não existe um *script* pré-determinado de como essas informações serão passadas aos clientes. Em minha prática, as divido com eles de maneira particular e individualizada, conforme suas singularidades. Às vezes, compartilhamos mais informações; por vezes, menos informações, de maneiras distintas. O que faço é dividir parte do que aprendi e tenho aprendido sobre a neurociência, a partir de cada leitura ou novas teorias.

Pensar sobre o conceito de campo (teoria de campo) de Kurt Lewin é outra fonte e base de trabalho da Gestalt-terapia que ajuda a entender sobre a “construção” dos traumas:

Ou seja, o comportamento do ser humano deriva de dois fatores fundamentais: 1) O comportamento deriva da soma total dos fatos ocorridos e coexistentes em determinada situação, e a situação total gerada é o que gera o comportamento nas pessoas. 2) Esses fatos ocorrem de maneira dinâmica e interativa, onde cada fato influencia e é influenciado pelos outros e pelo todo. Esse campo dinâmico é o conhecido campo psicológico da pessoa e é o que ajusta e modifica o modo de ver e entender as coisas ao seu redor (CARRER; EBINA; VILELA, [2016], p. 5).

Outra forma de apresentar o mesmo tema nesse processo psicoeducativo é através da arte com desenhos animados. Um exemplo é sugerir que assistam ao filme *Divertida Mente* (2015), trazendo discussões sobre as emoções para o *setting* terapêutico. Dessa forma, vou preenchendo as peças desse complexo quebra-cabeça que é o nosso cérebro e tudo o que é capaz.

O que busco com essa psicoeducação é colocar o cliente a par do funcionamento do seu cérebro, dando-lhe assim mais ferramentas para agir e se compreender, ampliando a *awareness*, além de promover especialização e temporalização no aqui-agora, nunca esquecendo a vinculação que acontece no *setting* terapêutico.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE TRAUMAS

Não é incomum que, ao pensarmos sobre traumas, estes sejam compreendidos como eventos dramáticos e marcantes em nossas vidas. Contudo, nem sempre o trauma é tão marcante ao ponto de nossos clientes o apresentarem como uma demanda clínica *a priori*. No consultório, percebo, a partir da fala dos clientes, que, por vezes, algo está faltando para que possamos trabalhar uma determinada demanda, algo em parte de suas histórias de vida, como se fossem quebra-cabeças, mas, com peças ausentes em suas narrativas.

Quando aproximamos conceitos da Gestalt-terapia a estudos contemporâneos da neurociência, é possível perceber o quão fascinantes são algumas associações. As compreensões sobre o que é figura e o que é fundo nos traumas vividos pelos clientes; aquilo que aparece ou não no discorrer da história do cliente, suas partes esquecidas,

irrefletidas, que também nos aproximam dos conceitos da Psicologia da Gestalt de *todo* e *parte*; seus ciclos de contato que não fecham, inacabados ou interrompidos; seus mecanismos de defesa e evitação do contato que aparecem; seus ajustamentos criativos que nos chegam como diagnósticos psicopatológicos, entre outros.

E o que vemos acontecer com nossos clientes é a dificuldade da mudança e a repetição de ciclos, que quase sempre são interrompidos por carecerem de recursos emocionais, fisiológicos e até mesmo lógicos para dar respostas satisfatórias às suas necessidades. Por vezes, relatam congelamento frente a algumas situações ou a falta de recursos para enfrentá-las, momentos em que percebo a existência dos vários traumas com “t minúsculo”: eles não foram fortes o suficiente para marcar toda uma vida, mas, fizeram um “estrago”, deixando marcas em seu desenvolvimento psíquico. Frequentemente, aconteceram em situações cotidianas, principalmente, vividas na infância, em que foram repreendidos, desrespeitados, acusados, ou não foram defendidos e/ou acolhidos por algum de seus cuidadores.

Costumo dizer que não vemos na natureza, como bem pensou Levine (1999), um leão adulto com problema de identidade, questionando-se: será que caço ou espero alguém caçar por mim? Será que luto ou fujo para a toca de meu pai? Nessa leitura sobre necessidades e recursos, o leão tem respostas imediatas, ele segue seus instintos e geralmente se dá bem ou encontra formas de ajustamento.

Ainda sobre essa comparação com os animais e o processo de desenvolvimento humano permeado por traumas, o leão, quando filhote, foi acolhido, lambido e cuidado no tempo certo, aprendendo a confiar em seus instintos e a atender às suas necessidades. Aprendeu, assim, observando seus pais e outros de seu grupo, que estes também sabiam e confiavam em todo seu potencial, usando-o para sobreviver.

E nós, humanos? Quantas vezes fomos expostos a ambientes com ausência de acolhimento, sem olhares de confirmação, sem cuidados ou mesmo uma orientação para que aprendêssemos a atender às nossas próprias necessidades? A exposição a esses contextos interrompem os nossos ciclos de desenvolvimento e constituem traumas que serão revividos ao longo da nossa existência.

A GESTALT-TERAPIA NA INTERFACE COM AS NEUROCIÊNCIAS

Talvez esta seja uma pergunta comum: onde nossos traumas estariam alojados? Estariam nossos traumas em nosso cérebro racional? Compreendo que não. Nossos traumas estão em nosso cérebro mais primitivo, registrados em nossas memórias, com bastante frequência, por meio das sensações físicas e emocionais vividas. E a Gestalt-terapia nos dá recursos para trabalhá-los.

Aprendemos a ser gente experienciando a vida ao nosso entorno, descobrindo a cada ano e a cada fase as dores e as alegrias da existência. Cada uma dessas

vivências deixa marcas, por vezes, imperceptíveis, mas, presentes em nossas memórias. A neurociência mapeou o trauma e nos mostrou o papel importante que a memória tem sobre ele. Nossas memórias são compostas por associações ou por dissociações, estas acontecendo como resposta a uma dor, a uma situação em que experienciamos vergonha, tristeza ou sentimentos negativos ao longo da vida.

Perls costumava dizer: “perca a cabeça, chegue aos sentidos”. Isto nos faz pensar que a Gestalt-terapia há muito tempo conversa com o cérebro primitivo. Mesmo que, historicamente, os textos da área não fizessem menções a esse cérebro primitivo, é marcante na abordagem o seu trabalho com emoções interrompidas na memória, revivendo o passado na experiência presente, vivenciando fantasias e “distraindo” nosso cérebro lógico, enquanto possibilita ressignificar “monstros” que estiveram presos e fixados por muitos anos na repetição da dor, da tristeza, da raiva, do lamento, do nojo, do medo, entre outros.

Toda essa conversa com o cérebro primitivo é feita através de experimentos em Gestalt-terapia. Os experimentos permitem que seja possível viver novamente aquilo que, por algum motivo, não pode ser expresso no passado, resgatando essa vivência no aqui e agora do *setting* terapêutico. Para Zinker (2007, p. 141), “o experimento é a pedra angular do aprendizado experiencial. Ele transforma o falar em fazer, as recordações estéreis e as teorizações em estar plenamente presente aqui, com a totalidade da imaginação, da energia e da excitação”.

Sabemos que adultos dissociados *congelaram* suas emoções, mesmo sendo, em alguns casos, um ajustamento criativo. Mas, um ajustamento criativo, quando cristalizado, se torna resposta não satisfatória para outras situações gerais que vivemos e que, às vezes, nos solicitam que as enfrentemos ou fuçamos. É como se esses adultos estivessem desconectados e não tivessem à disposição todo o seu aparato fisiológico e emocional para dar respostas específicas a cada nova situação. Com isso, muitas vezes, rimos quando temos vontade de chorar, fugimos quando deveríamos lutar, nos vitimamos quando deveríamos colocar limites.

Os experimentos de Gestalt-terapia – como trabalhar as polaridades dos clientes, a cadeira vazia, os sonhos, a fantasia guiada, assim como tantos outros –reprocessam, como compreendido a partir da neurociência, as experiências dolorosas que, no passado, não puderam ser expressas, sentidas e vividas. Este reprocessamento ensina nosso cérebro a fazer novas conexões neuronais, devido à plasticidade neuronal, sendo estabelecidas novas modulações em nosso cérebro.

É importante nosso cliente saber que o cérebro é modular. Que, se eletrodos fossem colocados em sua cabeça no *setting* terapêutico, enxergaria ondas magnéticas aumentando em seu campo cerebral, onde antes não havia este movimento. Seria praticamente como assistir ao seu cérebro fazendo novas sinapses e novos caminhos neurais. A Gestalt-terapia, como uma psicoterapia, portanto, muda o cérebro, muda os caminhos neuronais

e possibilita novas modulações, pois aquilo que foi vivido no *setting* se transforma em lembranças em nossa memória. E aquilo que foi para a memória pode ser recurso futuro em vivências para as quais, antes, não tínhamos uma resposta.

Dito isto, volto a pensar em Perls e em como sua prática estava sensivelmente ligada à contemporaneidade. A neurociência, ao discutir a tríade dos cérebros (reptiliano, límbico e neocórtex) e ao pensar sobre as experiências traumáticas, acabou demonstrando uma prática intuitiva bastante frequente de Fritz Perls: a de propor para aos seus pacientes que saíssem do pensamento lógico e cognitivo, liberando e contatando suas emoções presas ou interrompidas.

A maestria de Perls residia em intervenções assertivas, como pedir a seus pacientes que, durante vivências, evitassem “falar sobre” (PERLS, 1977, p. 70), o que chamava de “sobreísmo”, e experimentassem falar “como”, implicando-se naquilo que viviam. Perls parecia saber desde sempre *onde* se encontrava todo o sofrimento humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero que as explanações que apresentei neste texto possam dar a Gestalt-terapeutas a possibilidade de se aproximarem da neurociência e a enxergarem forma mais rica e ao alcance de todos. Em minha opinião, a neurociência se apresenta de forma a validar definitivamente tanto a Psicologia quanto a Gestalt-terapia. Principalmente como resposta cientificamente embasada aos leigos e preconceituosos que perguntam, ainda nos dias de hoje, em tom de deboche: “o que essa conversinha com um psicólogo poderá mudar em sua vida?”.

Um excelente profissional se faz na “lida” diária da sua prática e nas horas de estudo que dedica para ampliar seus conhecimentos. Penso que o grande diferencial da Gestalt-terapia é a possibilidade de mudanças reais e a expansão do potencial humano, bem como a ressignificação de traumas e dissociações.

A Gestalt-terapia, portanto, se trata de uma abordagem que desnuda a fala cognitiva e, com isso, reintegra as sensações e emoções, levando o cliente a uma vida muito mais inteira, integrada e coerente entre seu pensar, agir e sentir. E, neste sentido, corroboro com a ideia de Brownell (2014, p. 50):

A Gestalt-terapia ultimamente contribui muito para o campo da psicoterapia. Com o intuito de continuar dessa forma, deve ingressar na corrente principal e se tornar mais amplamente aceita, praticada e ensinada. Essa abordagem deve se ajustar criativamente ao *zeitgeist* do tempo, a fim de sobreviver. Isso significa que é necessário fazer pesquisas que permitam à Gestalt-terapia ocupar o lugar o seu lugar na lista das abordagens “empiricamente validadas”.

Deixo indicados como complemento de leitura e estudo dois capítulos que falam sobre traumas, do livro de Joyce e Sills (2016), autores Gestalt-terapeutas ingleses que

referenciam as abordagens contidas neste texto, e compartilho uma frase dessa obra que explica exatamente o que penso sobre trabalhar com traumas:

o trabalho com traumas pode ser exigente e estressante. No entanto, é imensamente recompensador e satisfatório ver clientes que podem ter estado sofrendo por décadas, recuperar-se de sua dor e continuar com suas vidas com confiança e otimismo (JOYCE; SILLS, 2016, p. 331).

REFERÊNCIAS

BERGMAN, U. **A neurobiologia do processamento de informação e seus transtornos**: implicações para a terapia EMDR e outras psicoterapias. [Brasília, DF]: TraumaClinic, 2014.

BROWNELL, P. **Manual de teoria, pesquisa e prática em Gestalt-terapia**. Petrópolis: Vozes, 2014.

DIVERTIDA mente. Dirigido por Pete Docter. [Emeryville]: Diney-Pixar, 2015. 1 DVD (95 min.), son., color.

GINGER, S. Neurociência valida a Gestalt Terapia. **IGT na Rede**, v. 7, n. 13, 2010. Disponível em: <https://www.igt.psc.br/ojs2/index.php/igtnarede/article/view/1986>. Acesso em: 23 jun. 2020.

GRAND, D. **Brainspotting**: a nova revolução para mudança rápida e efetiva. [Brasília, DF]: TraumaClinic, 2016.

JOYCE, P.; SILLS, C. **Técnicas em Gestalt**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LEVINE, P. A. **Accumulated Stress, Reserve Capacity and Disease**. 1977. Tese (Doutorado) – University of California, Berkeley, 1977.

LEVINE, P. A. **O despertar do tigre**: curando o trauma. São Paulo: Summus, 1999.

CARRER, D.; EBINA, R. Y.; VILELA, R. **Forças impulsionadoras e frenadoras atuantes sobre a realização de documentários no Brasil**. [S. l.]: SBDG, [2016]. Disponível em: http://www.sbdg.org.br/web/site/wp-content/uploads/2016/10/Forcas-Impulsionadoras_29032014.pdf. Acesso em: 23 jun. 2020.

MACLEAN, P. D. **The triune brain in evolution**: role in paleocerebral functions. New York: Plenum Press, 1990.

PERLS, F. **Gestalt-terapia explicada**. São Paulo: Summus, 1977

SHAPIRO, F. **EMDR – Terapia de Dessensibilização e Reprocessamento através dos Movimento Oculares**: princípios básicos, protocolos e procedimentos. 3. ed. [São Paulo]: Amanuense, 2020.

ZINKER, J. **O processo criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

